

Marília Barbosa e Vital Lima: atrações do Pixinguinha

O público que viu Marília Barbosa e Vital Lima, ontem, no Projeto Pixinguinha, e que vai ver hoje, amanhã, até sexta-feira, em companhia de Belchior, deve ficar sabendo de uma coisa: nem Vital nem Marília possuem ilusões a respeito da profissão. Marília Barbosa, cantora desde criança, acredita que o "sucesso" é algo para Hollywood. Ontem de manhã, acordando no Aracoara Hotel, com um lenço nos cabelos, Marília Barbosa falou sobre o mercado de trabalho em que atua, dizendo que "a cultura no país deveria ser transada de outra maneira e não transformada em mercado sórdido".

Para Marília Barbosa, a arte não se mercadeia. Por isso, tendo de cantar, cantar como forma de arte, ela pensa que há somente uma certeza na profissão: a insegurança. "A única garantia que você tem é que depois do trabalho você estará desempregado", diz Marília, observando as críticas que são feitas até mesmo ao Projeto Pixinguinha, que não daria oportunidade a novos valores da música.

Há 17 anos na profissão, Marília está deixando a gravadora. Som Lyre para gravar pela CBS um próximo disco, "que ainda está no plano da idéia". As críticas que são feitas ao mercado dos músicos, ressoam apenas ao eixo Rio - São Paulo, não chegam a afetar a cantora Marília Barbosa. Ela entende que a qualidade de um trabalho, por

Foto Pedro José



Marília está com Belchior e Vital, na Escola - Parque

exemplo, não tem preço. "O que custa um espetáculo não é o que vale um espetáculo", costuma dizer.

Segundo a cantora, "o mercado está inflacionado quando um artista brasileiro vale 35 cruzeiros por ingresso e Charles Aznavour vem ao Brasil e cobra 1.200 cruzeiros". Isso, para Marília, é o que acarreta muitas disparidades no setor.

Ela, pessoalmente, preferiria trabalhar a preços populares, sempre, como ocorre com o Projeto Pixinguinha. Somente assim a cantora teria um contato mais profundo com o seu público, que é

"o termômetro da vida do país". Em cima do palco, cantando para a platéia, Marília sente que a alma de um país é o povo. E o espetáculo, para a artista, é um momento de confraternização.

Embora seja levada a acreditar que "está tudo bem", a sua idéia a respeito é que esse "tudo bem" não passa de uma impressão. Há a instabilidade na profissão, o que não deixa de ser inquietante. As novas propostas, segundo Marília, estão nos festivais. Bem ou mal, "todo festival mexe com alguma coisa. Sempre agita alguma coisa e aproxima mais as pessoas".

ARISCO

Vital Lima, que em cinco anos como profissional da música gravou um LP, "Pastores da Noite", está preparando o próximo trabalho para a gravadora. O nome do disco será "Arisco" e esse nome tem alguma coisa a ver com o trabalho do artista paraense. Ele não sabe situar com determinação uma possível "influência" na sua carreira, mas lembra, que, menino, ouvia em Belém muito baíão, xaxado e até o merengue. Mas não pode dizer o que seria influência.

"O que existe é música de boa ou má qualidade. O resto, são apenas rótulos sem importância", diz Vital Lima. Ele, nesta fase, teve de abrir a parceria com o consagrado Herminio Bello de Carvalho, trabalhando com outros letristas, mas sem a preocupação de fazer parte deste ou daquele movimento.

"As pessoas deveriam desvincular-se de movimentos na Música Popular Brasileira", afirma Vital Lima. Para ele, o importante "é não faltar com o respeito a você mesmo e à platéia". Deste modo, dentro de uma visão geral de como está a MPB, Vital Lima diz que as cobranças continuam, em vários níveis, mas o artista deve permanecer em paz, criando as suas músicas sem se deixar levar por essas cobranças.

"O que há na música popular brasileira são muitas vertentes criativas. A gente pode ver que tem uma coisa nordestina pintando com muita força. Há o importante trabalho do Fagner. Além Vagner, Zé Ramalho, Amelinha. Belchior foge às suas raízes nordestinas, fazendo uma coisa mais consciente dele", afirma Vital Lima.

Sobre as propostas do Projeto Pixinguinha, o cantor e compositor paraense diz que nas capitais fora do eixo Rio - São Paulo "o pessoal está escondido, não tem oportunidade de se expressar artisticamente". Por isso, segundo ele, o Pixinguinha deveria fazer uma seleção mais cuidada dos seus contratados, "como uma maneira de minimizar as críticas nesse sentido".

Mesmo assim, em três anos de Pixinguinha, ele vê saldos positivos e negativos. O positivo, para Vital Lima, é que o Projeto surgiu numa época em que a invasão da música estrangeira era sentida por todos. Hoje, com o Pixinguinha, "os teatros estão cheios, a reação do público é maravilhosa". Um aspecto negativo, sem dúvida, seria a ausência de novos valores. "Havia uma proposta para apresentar em cada espetáculo três ou quatro artistas da terra, mas isso não vingou", observa Vital Lima. Esta é a segunda vez que ele vem a Brasília, depois de apresentar o mesmo espetáculo em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte.